



## SENTIDOS EM DISPUTA: O NOME "LUSOFONIA" E OS NOMES DAS LÍNGUAS NOS PAÍSES DA CPLP

Luiza Katia A. Castello Branco<sup>1</sup>

### O nome "lusofonia" e os nomes das línguas

Esse recorte aqui exposto compõe parte das análises que estamos desenvolvendo em nossa pesquisa de doutorado cujo objetivo é compreender o discurso sobre Língua Portuguesa produzido pela Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste)<sup>2</sup>, pensando, com isso, dar visibilidade a como determinados efeitos de sentido são aí constituídos. Observamos nosso objeto pela via da História das Ideias Linguísticas sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso desenvolvida, na França, por Pêcheux e, no Brasil, por Orlandi.

Para essa apresentação, discutimos os sentidos do nome "lusofonia" em relação aos nomes das línguas existentes nos países da CPLP (por exemplo, língua santomense, umbunda, maniika, brasileira, cabo-verdiana), trazendo alguns aspectos do nosso movimento de análise do artigo *A perspectiva da Lusofonia*, de Maria Luiza de Carvalho Armando, publicado em 1994, na *Revista Organon*.

Tomamos o significante "lusofonia" como entrada porque entendemos que nomear é já investir de sentido, para e por sujeitos, um fato que passa a objeto simbólico; ou seja, nomear é interpretar, trabalho contínuo do sujeito na sua relação com o simbólico textualizando o político, relação esta incontornável, marcada pela abertura e pela relação com o silêncio (ORLANDI, 2007). Consideramos, assim, essa nomeação (lusofonia) como acontecimento discursivo, pois articula o encontro de duas ordens materiais irredutíveis uma à outra e constitutivamente relacionadas: a da língua e a da história, encontro sempre 'assombrado' pela possibilidade intrínseca de se deslocar discursivamente (PÊCHEUX, 2002). O ponto de articulação em que essas materialidades se imbricam é o lugar em que se produz a deriva de sentidos, lugar do equívoco e da contradição, em que se define o trabalho da ideologia. Nesse encontro, pelo jogo entre memória (constituição) e atualidade (formulação) (ORLANDI, 2004), narrativizam-se (MARIANI, 1998) efeitos de sentido na direção da homogeneidade. Dizer "lusofonia" aí é colocar na indistinção diferentes memórias,

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

<sup>2</sup> Um dos discursos atuais em que vemos se reproduzindo o efeito de homogeneidade é o da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) que tem como finalidade defender e promover a língua, fundamentalmente. Diz-nos, assim, "A língua é matéria de soberania, não raras vezes objecto de tratamento constitucional. Por isso, a necessidade da **adopção de políticas de promoção e defesa da língua** parece ser de aceitação pacífica. No âmbito da CPLP a língua portuguesa é, obviamente, uma questão eminentemente política. Fundamento da sua criação, é um dos seus principais elementos agregadores, constituindo sua promoção e desenvolvimento um dos objectivos cardinais da Organização." (Luis Fonseca, ex-secretário executivo da CPLP). Disponível em: ([http://www.iilpcplp.cv/index.php?option=com\\_content&task=view&id=39&Itemid=67](http://www.iilpcplp.cv/index.php?option=com_content&task=view&id=39&Itemid=67)). Acesso em: Nov. 2009. (Grifos nossos).



historicidades e discursividades de países diversos, inscrevendo-os no imaginário linear da ordem da colonização portuguesa, silenciando, portanto, a possibilidade de outras línguas em relação.

Pela análise, buscamos, especificamente, dar visibilidade ao modo como, no artigo citado, o funcionamento do nome "lusofonia", por um lado, pela relação de condição entre os significantes "língua" e "cultura", imbrica "a língua portuguesa" com "a cultura portuguesa", e, por outro, pela repetição, produz um efeito de saturação de sentidos impedindo o deslizar de outros significantes.

### "lusofonia": alguns sentidos possíveis

Antes de esboçarmos a análise, achamos importante trazer alguns dos sentidos que se oficializam e circulam como dominantes sustentados pelos dizeres da posição-sujeito cientista da linguagem – no caso, o professor português Fernando Cristóvão e o lexicógrafo Antonio Houaiss –, pelos saberes registrados em instrumentos linguísticos como dicionário e enciclopédia – no caso, o dicionário da língua portuguesa *Houaiss* no formato eletrônico e a enciclopédia virtual *Wikipédia* –, e pelos dizeres produzidos a partir da voz institucional do Estado – no caso, o portal virtual do governo português. Tais sentidos atribuídos ao significante "lusofonia" recortam e atualizam uma determinada memória e se projetam numa futuridade, fazendo, ainda, reverberar o sentido de língua portuguesa como homogênea e a única possível em disputa nos espaços discursivos dos países já citados.

Ainda sobre o nome "lusofonia", é importante apontar que o elemento "luso" (do latim *Lusus*,<sup>3</sup>) que compõe a palavra tem datação de 1572 e é sinônimo de "lusitano", "português", do que é "relativo a Portugal". E que a datação de "lusofonia", comparativamente a "luso", é recente, tendo datação de 1950. Pensamos que o fato de as datações das palavras "luso" e "lusofonia" serem diferentes é significativo, na medida em que o sentido de "luso" está em "lusofonia".

Conforme mencionado acima, apresentamos a definição do professor Fernando Cristóvão sobre "lusofonia", em que diz ser esse um termo usado para se referir a "uma família que fala uma língua comum [a Língua Portuguesa] em situações diversas onde há um sentido de unidade e independência nas variedades de cada país".<sup>3</sup>

Segundo o lexicógrafo Antonio Houaiss, "lusofonia" é "um conjunto de países que têm o português como língua oficial ou dominante [A lusofonia abrange, além de Portugal, os países de colonização portuguesa, a saber: Brasil, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe; abrange ainda as variedades faladas por parte da população de Goa, Damão e Macau na Ásia, e ainda a variedade do Timor na Oceania]."<sup>4</sup>

Navegando na *Wikipédia*, encontramos "lusofonia" sendo definida como o conjunto de identidades culturais existentes em países, regiões, estados ou cidades falantes da língua portuguesa

<sup>3</sup> Definição dada pelo Professor Fernando Cristóvão da Universidade de Lisboa, vice-presidente do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, e Coordenador Geral do *Dicionário Temático da Lusofonia* (2005). Entrevista dada ao Jornal Nacional. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Vof4kU-IT14>>. Acessado em 09/07/2009.

<sup>4</sup> HOUAISS, A (Ed.). *Dicionário Houaiss eletrônico da Língua Portuguesa*. Versão 1.0, 2009.3. CD-ROM. ISBN 978857302970-3.



como Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e por diversas pessoas e comunidades em todo o mundo"<sup>5</sup>.

De acordo com o portal do governo português, "o conceito 'Lusofonia' usa-se genericamente para designar o conjunto das comunidades de língua portuguesa no mundo".<sup>6</sup>

Diríamos, então, a partir dessas definições, que "lusofonia" significaria os países ("família") que têm como língua oficial "a Língua Portuguesa" (homogênea) e nos quais essa língua é falada pela "maioria" da população com suas "variações" independentemente das diferentes e variadas diversidades e especificidades nacionais. Podemos concluir, assim, que são colocados na indistinção, as línguas, os sujeitos, suas histórias e os espaços discursivos que, a partir deles se constroem.

### **lusofonia, papel, mirandês, português timorense, tonga, assurini, cabo-verdiano, brasileiro: sentidos em disputa**

Na textualidade em análise, dizer "lusofonia" é designar um projeto de criação de um homogêneo espaço de falantes de mesma língua – apagando aí o funcionamento e a relação das suas diversas e numerosas línguas maternas e/ou nacionais –, que toma por base 'a língua portuguesa' de Portugal como a língua que hoje promove a unidade mantendo a diversidade cultural no espaço lusófono formalizado pelos países membros da CPLP. Nessa definição, essa língua portuguesa traz a noção de unidade, porque veio da "mesma origem" e foi "transplantada junto com a cultura portuguesa" para uma área geográfica que conforma, hoje, países e cidades independentes, mas que, no passado e durante séculos, estiveram sob o domínio português como colônias: além dos países da CPLP, também constituem essa área da lusofonia, a cidade de Macau (China) – de volta à soberania chinesa em 1999; e os territórios de Goa e Damão (Índia) – integrados à Índia (estado do Gujarat), em 1961, contra a vontade de Portugal que reconheceu sua independência em 1974.

Nessa análise, podemos perceber o trabalho histórico da linguagem materializado em, pelo menos, dois tipos de funcionamento do nome "lusofonia":

1) pela relação de condicionalidade estabelecida entre "a língua portuguesa" ou "o português" e "a cultura portuguesa" em que vemos deslizar os sentidos de "lusofonia" para a relação de condição entre "cultura portuguesa" e "a língua portuguesa" ou "o português", não parecendo possível dizer "lusofonia" sem dizer "cultura e língua portuguesas"; e

2) pela repetição, na maioria das vezes, em grupos adjetivos (GAdj) "de/da lusofonia" determinantes dos grupos nominais (GN). Esse movimento de determinação produz um efeito de saturação dos sentidos, como se outra língua diferente de "a língua portuguesa" e outra cultura que não a portuguesa não fossem possíveis nesse *mundo da lusofonia*.

A seguir, apresentamos os recortes que dão visibilidade a esses dois funcionamentos (1 e 2).

<sup>5</sup> Wikipédia: a encyclopédia libre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lusofonia>>. Acessado em 09/07/2009.

<sup>6</sup> Portal do governo português. Disponível em: <<http://e-portugues.co.uk/?p=26>>



1) pela relação de condicionalidade	2) pela repetição
<p><b>(SD1)</b> [...] e, em contrapartida, surgiram no Brasil figuras também eminentes, como o citado Celso Cunha e Antonio Houaiss, que [...] em uma palavra –: <b>cultura'</b> (CUNHA, 1970, p. 18, nota 17) – tornaram-se, salvo erro, os introdutores, no Brasil, do conceito em questão: o de "<b>lusofonia</b>" (conceito, <b>mais do que linguístico, cultural</b>, na acepção em que é usado aqui).</p> <p><b>(SD2)</b> [...] é como "<b>língua de cultura</b>" – e, mesmo, como "<b>língua de cultura de ponta</b>" (HOUAISS, <i>ib.</i>) – que o <b>português</b> abre a possibilidade de uma convivência consciente entre os vários "segmentos" da <b>lusofonia</b>, permitindo que se pensem como um "<b>bloco cultural</b>" e ajam em consequência.</p> <p><b>(SD3)</b> [...] a perspectiva da <b>lusofonia</b>, com efeito, situa corretamente a questão das literaturas nacionais em geral. As quais, em vez de se instalarem no jacobinismo (agora, literário), ver-se-ão, nessa perspectiva, como elementos de um todo, ainda que expressem <b>variantes culturais e lingüísticas específicas</b>. Ademais, como é óbvio, <b>a fortuna das literaturas vernáculas depende da sorte da língua portuguesa</b>.</p>	<p>A perspectiva <b>da lusofonia</b> o [conceito] <b>de "lusofonia"</b> o conceito <b>de "lusofonia"</b> "consciência <b>da lusofonia</b>", a oficialização de um terceiro grupo <b>de lusofonia</b>, a base interna <b>da lusofonia</b>; para todo o conjunto <b>da lusofonia</b> é, com o cultivo <b>da lusofonia</b>. criar uma "<b>consciência da lusofonia</b>" falta de uma "<b>consciência da lusofonia</b>" a formação de um "<b>bloco da lusofonia</b>" o panorama <b>da lusofonia</b>, entre os vários "segmentos" <b>da lusofonia</b> mínimo necessário à consolidação <b>da lusofonia</b> cada "segmento" <b>da lusofonia</b> é interior dos "segmentos" <b>da lusofonia</b> entre as variantes e os "segmentos" <b>da lusofonia</b> todo o conjunto <b>da lusofonia</b> grande dicionário <b>da lusofonia</b> para que se promova a <b>consciência da lusofonia</b> A perspectiva <b>da lusofonia</b>, interessa ao panorama <b>da lusofonia</b> quadro <b>da lusofonia</b> dois "segmentos" <b>da lusofonia</b> cada "segmento" <b>da lusofonia</b> é interior dos "segmentos" <b>da lusofonia</b> sua inserção no panorama <b>da lusofonia</b> a "crise" <b>da lusofonia</b> não provém por que não a integração <b>da lusofonia?</b></p>
<p><b>(SD4)</b> [...] "o conceito de '<b>lusofonia</b>' implica o <b>reconhecimento</b> primeiramente, de que são muitos os grupos humanos '<b>proprietários</b>' da <b>língua portuguesa</b>. Portanto, é aspecto inerente a esse conceito a noção de <b>diversidade cultural</b>. Essa, no caso – como se sabe – <b>resulta</b> de uma <b>transplantação cultural e linguística</b>."</p>	

Se pensarmos que, pelo efeito dessa relação de condicionalidade, não é possível dissociar do sentido de "lusofonia" "língua portuguesa + cultura portuguesa", e que, pela repetição do GAdj "de/da lusofonia", não é possível um espaço de língua portuguesa fora da "lusofonia", podemos concluir que não há lugar nesse espaço para nenhuma outra língua, a não ser como "variação" linguística e como



"transplantação". Ao dizer "lusofonia", produzem-se aí atualizações de uma memória já organizada pelo esquecimento do que não cessa de se escrever, pelo já-dito, pelo já-significado, que, ao mesmo tempo em que recorta um passado, aponta para uma latência de futuro, deixando na interdição outros nomes, outras línguas, outros sujeitos, outras histórias que aí venham-a-ser. Porém, apesar dessa ilusão de completude, a disputa por sentidos é constitutiva do processo discursivo da nomeação. Ou seja, o real das nomeações de dezenas de línguas faladas nos países da CPLP contradita esse imaginário homogêneo: brasileiro, bolo, diriku, holu, khue, kikongo, kilari, kimbundo, kisikongo, kuangali, lucazi, badiara, biafada, crioulo da Alta Guiné, jola-felupe, kasanga, mandinka, mandjak, nalu, n'ko, papel, maniaua, maniika, muani, natembo, ndau, ngoni, nsenga, fimbi, português timorense, ronga, suahili, suati, takuané, teue, tonga, adabe, baikeno, bunak, fataluku, galoli, habun, kemak, lakalei, makasae, asturiano, galiciano, mirandês.

### **Conclusão**

Retomando a análise, "lusofonia" aparece como um grupo de pessoas ligado por uma língua e cultura portuguesas comuns, reunido num mesmo espaço geográfico, no qual é falada uma língua una e mesma, independente da diversidade linguística que lá exista. Pensar nesse corpo homogêneo vivendo nesse lugar não-fragmentado, como um corpo e um lugar imaginários, impossibilita pensar esses sujeitos vivenciando suas práticas linguística e social em um espaço-tempo que não seja legitimado por Portugal, apesar de também constituídos por uma memória discursiva outra, em cujo saber estão em contato línguas diversas dessa língua portuguesa imaginária de Portugal. Compreendemos, portanto, que essa nomeação da "lusofonia" produz um efeito de sentido hegemônico de um novo espaço-tempo linguística e culturalmente homogêneo, necessário à constituição da questão nacional e institucional, à universalidade cultural a-histórica entre os povos com vistas à projeção internacional mais influente e significativa dos países da CPLP, tão conveniente ao processo neoliberal da mundialização.

Nesse imaginário, a língua é descolada de suas condições materiais de produção, o que faz sustentar a possibilidade de haver uma língua em essência ou uma essência na língua que seria responsável por sua unidade. Contudo é no jogo do encontro da materialidade da língua e da história que se produz a deriva. Acontecer dizer língua brasileira, língua kikongo, língua cabo-verdiana, língua balanta-kentohe, língua tsonga, língua santomense, língua tétum, língua ticuna, língua mirandesa, ao lado das línguas portuguesas, faz narrativizar efeitos de sentidos na direção da heterogeneidade, uma via para elaborarmos nossas diferenças concretas, nossas singularidades e para reforçarmos nossos processos de descolonização.

### **Bibliografia**

ARMANDO, M<sup>a</sup> L. de C. A perspectiva da lusofonia. *Organon*, Porto Alegre, v. 8, nº 21, p. 17-34, 1994.



MARIANI, B. *PCB e imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

ORLANDI, E. *Língua brasileira e outras histórias*. Campinas: Editora RG, 2009.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2004.  
PÊCHEUX, M [1983]. *O discurso: estrutura e acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.